

A EPOCHA

REVISTA DA QUINZENA

Fantasias, Romances, Lettras, Theatros, Bellas-arts.

Escriptorio da Redacção — Rua da Quitanda N. 47.

ASSIGNATURA

Corte, 12\$000 o anno; 6\$000 o semestre, 3\$000 o trimestre, e 500 réis o numero avulso.

Para fóra da corte, mais 500 réis por trimestre.

AVISO

Os nossos Assignantes que não receberam o segundo numero da *Epocha*, tenham a bondade de mandar reclamal-o ao nosso escriptorio; estão dadas as providencias para ser mais regular a entrega de nossa folha.

ANNUNCIOS

Livraria Garnier, rua do Ouvidor 65

FORMATO IN-FOLIO:

Oeuvres de Rabelais.

Texte revu et collectionnée sur les éditions originales, accompagné d'une vie de l'auteur, de notes et d'un glossaire 60 GRANDES COMPOSITIONS; ET NOMBREUX DESSINS par GUSTAVE DORÉ. 2 Beaux volumes riche reliure.

Les Peintres de la Beauté.

Album composé de 50 planches gravées sur acier d'après les tableaux de TITIEN — P. VÉRONÈSE — TINTORET — CORRÈGE — GUIDE — RUBENS, et des maîtres les plus célèbres. 1 Volume grand in-folio relié richement.

Cervantes Saavedra.

L'ingénieux don Quichotte de la Manche, traduction française de L. VIARDOT, édition de grand luxe, 2 volumes contenant 370 dessins par GUSTAVE DORÉ.

Dante Alighieri.

L'Enfer, 1 magnifique volume, contenant le texte italien, la traduction française de P. A. FIORENTINO et 76 grandes compositions de GUSTAVE DORÉ.

Le Purgatoire et le Paradis, 1 magnifique volume illustré de 60 grandes compositions de G. DORÉ.

La Sainte Bible.

d'après la vulgate; traduction nouvelle par M. M. BOURASSÉ ET JANVIER, chanoines de l'église métropolitaine de Tours, 2 beaux volumes illustrés de 230 grandes compositions par GUSTAVE DORÉ, ornementation du texte par H. GIACOMELLI.

Fables de Lafontaine.

1 Beau volume illustré de 80 grandes compositions et 250 dessins par GUSTAVE DORÉ.

Humbert (Aimé).

Le Japon illustré, 2 magnifiques volumes contenant 500 gravures d'après Humbert par BOYARD NEVILLE etc.

Rousselet.

L'Inde des Rajahs. Voyage dans l'Inde Centrale et dans les présidences de Bombay et du Bengale, 1 beau volume, contenant 317 gravures et 5 cartes.

L'Evangile.

Etudes iconographiques et archéologiques par CH. ROHALUT DE FLEURY 2 splendides volumes imprimés avec luxe, ornés de 100 gravures sur acier et nombreuses vignettes dans le texte.

Marény (Paul).

Voyage à travers l'Amérique du Sud de l'océan Pacifique à l'océan Atlantique, 2 beaux volumes illustrés de 400 gravures et de 20 cartes d'après les dessins de l'auteur.

Wey.

Rome, description et souvenirs, 1 beau volume illustré de 358 gravures et d'un plan de Rome

Davilliers (Baron Ch.).

L'Espagne, 1 magnifique volume illustré de 309 dessins par GUSTAVE DORÉ.

Les Sanctuaires de Rome

par Mgr. LUQUET, évêque d'Hesebou, 1 magnifique volume, grand in-folio, accompagné de 29 grandes compositions et d'un portrait de Sa Sainteté Pie IX.

LIVRARIA GARNIER, Rua do Ouvidor 65.



Summario:

O BAILE DA PRINCEZA	<i>M. M.</i>
UM HOMEM DIFFICIL	<i>Pierrot</i>
CHRONICA DA QUINZENA	<i>Fanfulla</i>
ARTES, SCIENCIAS E LETTRAS	
CORREIO DO RIO	<i>Dom Raymundo</i>
NOTAS A LAPIS	<i>D....</i>
CORRESPONDENCIA DA EPOCHA	<i>Todo o Mundo</i>
CHRONICA FLUMINENSE	<i>Giroflé-Giroflá</i>
MISCELLANEA	
NA EXPOSICÃO	<i>Sicambro</i>
THEATROS E CONCERTOS	<i>Swift</i>

A EPOCHA.

O BAILE DA PRINCEZA

Conversa em uma cena

Um jardim, na rua de Guanabara. No fundo um chalet, diversas cadeiras sobre a relva.

EUGENIA

Quer saber, para mim, o baile foi brilhante.

CLARA

E para mim tambem...

AS OUTRAS

E para nós então?

EUGENIA

Para todas? melhor! esteve scintillante...
Foi como a chave d'ouro a fechar a estação...
Animado, em que tudo inspirava alegria,
E depois n'um palacio em que se achava o rei,
Fazendo a sua corte a bella galeria...
Uma festa assim, eu nunca vi nem verei!

CARLOTA

Pois bem, mas diga, Eugenia, a mim só, em segredo,
Quem foi para você a rainha, quem foi?

EUGENIA

Eu posso dizer alto, e sem temer enredo...

CARLOTA

Que olhos faz-me você... parece olhos de boi...
Mas diga então, depressa, o nome da rainha.

EUGENIA (*sorrindo*)

Ah! não posso dizer... palavra que não sei...

AMELIA

Mas o vestido, o rosto, um traço, e se adivinha...

EUGENIA

Ah! vocês pedem muito: o par com quem dansei
Disse-me que o perfil não era muito puro...
Nos cabellos não tinha uma só flôr sequer;
O vestido era azul, e feito com apuro.

AMELIA

Isso não basta...

EUGENIA

Então, diga-me o que mais quer?

AMELIA

Os olhos, de que cor?

EUGENIA

Os olhos... eram verdes.
Perto de mim um moço, elegante e do tom...

AS OUTRAS

Ah! um moço, e se lembra...

EUGENIA

Então! é para verdes...
Lhe dizia a sorrir: «Seus olhos...

ALFREDO

Adivinho.

EUGENIA

« São taças de esmeralda, em que seu coração
Derrama sempre o olhar, mysterioso vinho....

CLARA

Era então um poeta...

AMELIA

Os homens como são!

EUGENIA (*continuando*)

« Quando os vejo eu supponho avistar, no horizonte,
Através da verdura a immensidão do mar,
E ver estrellas d'ouro em o crystal da fonte...
Diga-me de onde vem, senhora, o seu olhar. »

AMELIA

E ella o que respondia?

EUGENIA

Ella? Nada... escutava.

AMELIA

Pois para mim era outra a rainha...

AS OUTRAS

Mas qual?

AMELIA

Que graça e que harmonia! e como ella dansava,
Guiando o *cotillon* com Monsieur de Barral.
Simples, mas elegante, o seu bello vestido,
Como idéa um primor, era branco, dois tons :
Tulle e *crêpe de Chine*, e nos hombros unido
Só por flôres azues... e que sorrisos bons !
Que modo de esquecer que se nasceu princeza !
No collo, sombreando a pura carnação,
Leite e rosa, — a fazer ciumes á Veneza—,
Trazia em um collar perolas de Ceylão.
Uma estrella brilhava entre a poeira d'ouro
Dos seus cabellos, e no seu olhar azul
Deixava despontar a Mai um bom agoiro,
Um raio que desceu do Cruzeiro do Sul !
Essa foi para mim a rainha da festa.

MATHILDE

Para mim a mais bella...

AS OUTRAS

Oh! diga-nos quem é ?

MATHILDE

Não sei como se chama...

EUGENIA

Então não sabe? ora esta...

MATHILDE

Sei só que pareceu-me, ao vel-a, alta, de pé,
Um retrato flamengo... um Rembrandt. Ella tinha
Um vestido de Worth...

AMELIA

Não se lembra mais qual ?

MATHILDE

Azul e renda branca...

ALFREDO

Ah! Era essa a rainha ?

MATHILDE

O talhe, o rosto puro e de um perfeito oval,
Os olhos, que cercava um circulo arroixado,
Eram como carvões, accesos pelo olhar...
O cabello de um loiro ardente, separado
Em o alto da cabeça; emfim, todo o seu ar

Tem como um fluido ethereo, um esplendor nascente....
Tem espinhos tambem, como o cactus em flôr...
Impenetravel sphynge! à manhã do Oriente
E' que se pôde abrir sua alma, toda côr.

ADELAIDE

Para mim a rainha ainda não foi esta...
Mas outra...

EUGENIA

Diga quem...

ADELAIDE

Que trajava ella só
De preto; o luto assim, entre o brilho da festa,
Só fazia admirar-a, em vez de causar dó...
Velludo, contas, leque, enfim tudo era nella
Da côr do seu cabello, e nessa escuridão,
Quando ella se assentou no vão de uma janella,
Seu bello rosto alegre era como um clarão.
Uma ironia assim, de espirito sómente,
Em que não ha nem mesmo um pico de desdem,
O olhar voltado ao céo, um ar que nunca mente,
Um sorriso que falla em perolas de Aden !

ANTONIA

A rainha que eu vi...

ALECRINA

Diga-nos a verdade !

ANTONIA

Tinha um vestido *novo*... e mesmo sem igual.
Ah! sombrio talvez para essa mocidade,
Côr de vinho do Porto através do crystal,
E fôlhos côr de canna...

ADELAIDE (*a Jurencia*)

E quem era a mais bella
Para a senhora, quem? pôde dizer-me ?

JUVENCIA

Sim...

Tinha um vestido branco, uma saia singela,
A desenhar-lhe o corpo e de um rico setim,
Mais uma facha preta, a *traîne* bem comprida...
Os vinte annos que tem fazem-n'a mais brilhar
Um escriptor da EPOCHA a chama Margarida...
Por causa do cabello, ou por causa do olhar ?
A mocidade attrahe! e que circulo em torno !

ALFREDO

De nossa admiração as senhoras dão fé ?

THEOTONIA

Pois para mim foi outra... Um corpo feito ao torno,
Vestido sèla branca.

ALFREDO

Eu já vejo quem é.
Flôres d'ouro... a mais moça... Ah! que bella assucena!
Se o seu olhar não queima, é porque tem um véo,
Pois derrama mais luz, ardente mas serena,
Do que bebe a palmeira em todo o azul do céo!
Eu me lembro que a vi, já disfarçada em india...
Uma cabeça grega... as pennas do cocar,
Melhor do que faria um diadema da India,
A cercarem-lhe a fronte... e que expressão, e que ar!
Parecia trazer essa joven cubana
Nos olhos de gazella a alma de uma Atala...
Mas o perfume, a còr d'esse lyrio da Havana,
E' nosso orvalho... a flor veio em botão de lá.

CHRISTINA

Nenhuma d'essas tem direito á primazia...

EDUARDO

Ah! sim, que pretenção... diga-nos quem, você.

CHRISTINA

O nome, não direi...

EDUARDO

Que vestido trazia?

CHRISTINA

Flôres de acacia em *tulle*...

EDUARDO

Eu já sei, branco...

CHRISTINA

Ah! crê...

Eram duas irmãs, e como se adivinha,
Quando o traje era o mesmo, a que me conquistou?

EDUARDO

A mais alta é que tem um ar mais de rainha...

CHRISTINA

D'ellas a que eu prefiro, é sempre a com que estou....

ALFREDO

Ter espirito é bom....(á *Condessa*) Mas diga-me a senhora,
Que tem ouvido tudo e que conhece bem
A vida fluminense, á qual se deve agora
D'entre essas conceder o grande premio, a quem?
Diga, como juiz.... qual dellas foi mais linda;
A' nossa hesitação seu voto porá fim!
Supondo que cada uma acha-se na berlinda,
Dê o premio a mais bella....

A CONDESSA

Ah, se querem, pois sim!
A' princeza.... não devo: era a dona da festa!
Aos olhos verdes não, a noite não lhes *vai*....
Ao Rembrandt, tão pouco, o pintor que fez esta
Não n'a vestiu de azul.... de um ether que se esvae:
Sua belleza quer o horizonte inflamado....
Na que estava de lucto, o preto assenta bem,
Mas o lucto que tinha era talvez pesado,
A' còr de vinho.... achei.... pouco leve tambem....
A' facha preta, não.... um corpo que se fórmá,
Promessa de porvir, flor a desabrochar,
Cujo perfume, còr, e contornos e fórmá,
O Tempo ainda quer dous annos p'ra acabar;
Tão pouco ás flôres d'ouro... elegancia e maneiras,
Modo altivo de andar, mas severa demais;
Depois deve-se dar o premio ás brasileiras,
Que pena ter então que negal-o....

ALFREDO

A quem mais?

A CONDESSA

A irmã, mas é tão moça e promette inda tanto
Que bem pôde esperar.... fica para outra vez....
Ah! se eu fosse o senhor, nesse baile, entretanto,
A ella é que eu mandaria o meu bouquet.... talvez!
A's acacias tão pouco.... as flôres são singelas,
Mas só sendo Alexandre, eu cortava esse nó....
Nunca pude escolher á nenhuma d'entre ellas,
Se ficam sem o premio, é que o premio é um só.
Eu concluo de tudo enfim que essas senhoras
Foram de uma fineza.... o que sempre esperei....
Cada uma, quando foi para o baile, ás oito horas,
Tinha um só pensamento, e vi que não errei:
Não devendo caber o premio da belleza
A' senhora da festa, a graça sem rival,
Ficou sem ter rainha o baile da Princeza....

ALFREDO

Republica em palacio?.... eu acho original!

M... M...

UM HOMEM DIFFICIL

I

O meu amigo Arthur Monteiro tinha jurado a quatro mulheres, a si mesmo, e à mim que nunca havia de casar. O que lhe fazia medo no casamento não era nem a primeira noite, nem a ninhada de filhos que poderia ter, nem o Cyreneu que ás vezes ajuda o marido a levar a cruz ao Calvario, nem a morte da mulher; posso dizer mesmo que a unica razão que o faria casar seria a esperança de ficar viuwo. A viuvez é a primavera da vida.... O que elle temia no casamento era que a mulher não fosse o que parecia.

— Vê tu, dizia-me elle, dizem que os selvagens são atraizados e incultos; pois sim, se eu vivesse entre elles, já estaria casado. Alli ninguem mente, ninguem engana; o corpo é o que é, não o que parece; quando se pede uma rapariga, sabe-se bem o que se vai receber. Mas comosco é tudo diverso. Nenhuma dessas moças pôde ter a illusão de ser amada por sua alma; a alma não se vê; ha trinta annos que eu vivo commigo mesmo e, ainda não conheço a minha, como hei de conhecer a alma que encontro a dançar, a tocar piano? Ninguem ama pela alma, isso é uma tolice que só se diz ás velhas ricas; amasse pelo corpo, pelos olhos, pelo sorriso, pela belleza, pela graca, pelo talhe, por tudo enfim.... Ora, imagina tu que no dia seguinte ao do meu casamento, eu verifico que minha mulher encommenda os seus magnificos cabellos *chez Leconte*, os seus admiraveis dentes que, pelo preço, são verdadeiras perolas da India *chez Evans*; que tem no braço um pequeno supplemento de algodão; que só tem formas com o collete, e que além dessas, me causa tres ou quatro decepções mais; imagina isso, e dize-me o que merece essa mulher.... Francamente, falla.

— Mas o que propões tu?

— Nada, respondia-me, mas nessas condições entendo que o casamento é o peior dos jogos, porque n'elle é permittido furtar. Quem mais furtá, é quem gauha.... E por isso que eu applaudo á todas as modas cujo fim é dar ao homem uma idéa exacta do corpo da mulher.... Ha mesmo uma certa simplicidade tocante em certas moças, finas como uma folha de papel-paquete, que apertam-se a mais não poder; essas não enganam a ninguem.... Emfim não sei se tenho razão, o que sei é que nunca hei de correr o risco de casar nas condições em que os outros casam; elles sabem consolar-se, eu não sei; e antes que expôr-me a separar-me de minha mulher no dia seguinte ao do casamento, quero ficar solteiro.... O celibato não é mau, a prova é que é esse o estado dos padres.... Em todo o caso se fosse possivel aos noivos verem-se um momento, como elles realmente são, quanto divorceio não se evitaria!... eu sei que o pudor oppõe-se a esse exame, mesmo instantaneo,

mas elle não deixa de ser um dos futuros progressos da sociedade.

II

Dois annos depois desse dialogo curioso, o meu amigo Arthur Monteiro voltou da Europa; com que saudades do *boulevard*! Encontrei-o logo, ainda o mesmo, na rua do Ouvidor.

— Então, como chegaste?
— Bem, muito bem, mesmo.
— A viagem foi agradavel?
— Encantadora.
— Quem veio contigo?
— Uma rapariga, que te conhece muito, e que eu adoro.... M^{me} d'Almeida.
— Ah, sim.... estás então apaixonado?
— Loucamente.
— E casas?
— Não; tu sabes. Eu quero crer que toda essa creatura é divina.... Já lhe vi o pé, o braço, o collo.... sei que nenhum dentista poderia imitar aquelles dentes, e que ninguem podia ter plantado assim aquelles cabellos.... sei bem, mas que queres? Ha outras illusões que podiam ser desfeitas de um momento para outro....

A' noite nos encontramos ainda em um baile. Henrique, ou como a chamava Arthur Monteiro, M^{me} de Almeida, estava realmente muito bonita, e toda a noite não fez outra cousa senão namorar o meu amigo. Não houve escandalo que elles não dessem: além de valsarem tres vezes juntos, formando por assim dizer um só corpo, e gyrando sobre um só eixo, foram ceiar juntos, e, suprema inconveniencia! beber juntos. No fim da noite, eu vi Henrique dar ao namorado o ramo de violetas que levára e um bilhete escripto alli mesmo... Até hoje ainda não vi nada mais atrevido do que a manobra que ella fez para entregar esse papel perfumado, e eu tenho visto alguma coisa.

No dia seguinte de manhã, encontrei o feliz possuidor das violetas e do bilhete; as flores tinham murchado, e pareceu-me que o amor com ellas.

— Tu não estás muito alegre, disse-lhe eu; entretanto, hontem no baile, todos invejavam a tua felicidade.

— Hontem sim, eu era feliz; mas hoje...
— Hoje és desgraçado.
— Não; hoje me aborreço.
— E o teu amor?
— O meu amor desapareceu da noite para o dia...

— Porque?
— Por causa desta carta, e deu-me a carta. Ei-la: « M^{me} de Almeida, conhecendo os sentimentos do Sr. Arthur Monteiro, previne-o de que amanhã ás 3 horas da tarde, irá banhar-se no tanque do seu jardim. »

— Não era isso o que tu querias? perguntei-lhe eu; tu procuravas uma mulher que não te enganasse... ei-la ahi.

— Sim, mas essa falta de pudor!

— Que queres! é o sacrificio que tu exiges; eu supponho que ella precisaria de menos coragem para morrer, do que para atravessar assim, um segundo, o teu olhar...

— Não sei, mas para mim, essa rapariga está tão longe de ser minha mulher, que eu vou convidar diversos amigos para assistirem ao mesmo espectáculo... deve ser uma bella pintura. Tu vens?

— De certo.

A's tres horas estávamos no jardim da casa de Arthur; eramos dez, e todos sabíamos bem o que se pôde chamar um corpo; era um jury de artistas. Enquanto esperavamos, jogava-se e bebia-se. Havia ali umas garrafas de champagne gelado que se esvaziavam por si mesmas, milagrosamente. A's tres menos cinco, a anciedade era immensa, e Arthur, tendo afastado uma trepadeira que cobria o muro do jardim, estava em seu telescopio, que era uma fresta da largura de um dedo. De repente ouvimos uma exclamação de surpresa, de admiração, de espanto, de amor, e todos precipitamo-nos para ter a mesma impressão. Arthur voltou-se para nós, e disse-nos com um tom quasi aspero, pondo a mão sob a fresta:

— Ninguem olha... é minha mulher!

III.

Faz hoje um mez que assisti ao casamento do meu amigo com M.^{ta} de Almeida. Parecia-me que devia encontrarlos ainda na lua de mel. Como ambos são moços, ricos, intelligentes, elegantes, e como Henriqueta pelo grito de surpresa e de assombro de Arthur, deve ser um corpo de Phryné, pensei que eram felizes. Hoje encontrei o meu amigo abatido, desfeito, dyspeptico, e com um meio-círculo rôxo abaixo dos olhos; enfim, um homem trasnoitado.

— Minha mulher é uma perfeição, foi-me elle dizendo logo, com a sua habitual franqueza; muito espirito, muita decisão, e um corpo admiravel... admiravel? divino... Mas tem um defeito, horrível para mim: resona, e ás vezes ronca; é uma verdadeira orchestra que tenho á noite, e depois um sonno! Em summa, meu amigo, ha um mez que não durmo um instante. Vê tu o que é o casamento. Olha, não te cases antes de teres ouvido... dormir tua noiva.

— Meu caro amigo, respondi-lhe eu, se eu tivesse uma mulher como a tua, não dormia nunca

— Falta de experiença, disse-me elle, falta de experiença! Não ha nada que dê mais sonno, do que uma mulher bonita.

PIERROT.

CHRONICA DA QUINZENA.

A revista desta quinzena devêra ser cantada e não escripta.

Cantada por algum Pindaro... de sobremeza.

Foi toda ella uma enfiada de odes ao anniversario do Imperador e ao baptisado do Príncipe Imperial.

São assumptos esses que não admitem a prosa terra á terra.

Sua Magestade fez cinquenta annos. A idade não é poetica, mas pode-se ir ao Capitolio sem fazer escala pelo Parnazo.

Quanto a mim, a mocidade só dura sessenta annos, os annos do Sr. Cotelipe actualmente.

Ora, o Imperador, que se fez maior antes de tempo, pôde muito bem ter cinquenta annos, e estar na primavera da vida.

E' provavel que Sua Magestade não se preocupe neste momento com a poesia dos vinte annos, e que, como o poeta das *Contemplações*, prefira dedicar-se á *Arte de ser avô*.

Isso não impede que, mesmo sem metro e sem rima, eu felicite o augusto monarca brasileiro pela sua festa semi-centenaria.

**

O baptisado foi o prologo de um livro... que ainda está em branco.

Livro em papel velino e que praza a Deos seja escripto entre alegrias.

Mas o prologo foi mais succulento do que uma Conversação preambular de membro do Instituto.

Dir-se-hia o conego Fernandes Pinheiro officiando no atrio do templo de Gonçalves Dias, ou o Arcade Joaquim Norberto tornando ariscas as ovelhas de Dirceo...

A ceremonia do baptisado foi historica de mais.

Lembrava a espada de Carlos Magno, — *longue et plate*.

Felizmente alli estava a loura e gentil creança para fazer esclarecer toda fraudulagem da etiqueta.

O rei d'armas e o massapão estariam melhor á dous passos da capella imperial: no Palacio da Exposição...

**

Vamos até lá, se é que a exposição existe.

O illustre Sr. conselheiro Thomaz Coelho ha de desculpar-me, mas eu confessso que não acertei com o caminho.

Vi a secretaria da agricultura embandeirada.

E não vi dentro da secretaria da agricultura os empregados daquella repartição.

Será isso que vamos mandar á Philadelphia?

E' muito, ou é muito pouco.

**

Antes a carne secca do Sr. José Bento.

A pasta de S. Ex. é hoje um *pot-au-feu*.

A secretaria do imperio não faz outra cousa senão expedir telegrammas relativos ao preço do charque, e a alça e baixa dos legumes.

Realisou o Sr. José Bento aquella politica preconizada pelo falecido barão de Urugayana: a do mercedor de verduras.

Não se pôde negar que metade das glórias compete ao Sr. Miguel du Pin.

Tambem para alguma cousa devia servir a polícia da corte.

Assim nos desse ella noticia do septimo ministro.

Eu ás vezes chego a pensar que a pasta vaga é a do Sr. Pereira Franco, mas logo me recordo que S. Ex. está a testa da marinha.

Felizes os ministros que não têm historia...

**

Correio ha dias que o Sr. conselheiro João Alfredo estava decente; depois soube-se que S. Ex. o que tinha era muita vontade de ser senador.

O medico do nobre ex-ministro assustou-nos.

Felizmente o verdadeiro assustado é o Sr. conselheiro João Alfredo.

Se S. Ex. fosse tomar ares na Faculdade talvez que melhorasse.

A Faculdade é que não melhorava seguramente.

Em todo o caso, é bom que saiba o paiz do seguinte:

Depois d'amanhã faz quarenta annos o Sr. conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira.

Quarenta... a idade critica!

E acabei a chronica tratando de mais um aniversario!

Se ainda eu tivesse estro...

FANFULLA.

SCIENCIAS, LETRAS, E ARTES

A inscrição tirada da *Tempest*, que se lê no monumento de Shakspeare, na abadia de Westminster, é a seguinte:

The cloud capt Towers,
The Gorgeous Palaces,
The Solemn Temples,
The Great Globe itself,
Yea all which it inherit
Shal Dissolve
And like the baseless Fabrick of a Vision
Leave not a wreck behind.

E' curioso que não se tenha visto em um monumento dessa ordem que a citação da ultima parte desses versos é errada; deve-se ler assim:

And, like the insubstantial pageant faded,
Leave not a rack behind.

A morte de Sir Charles Wheatstone é uma perda para a sciencia e para a humanidade. Se não se pôde dizer que Sir Charles Wheatstone foi o inventor do telegrapho electrico, pôde-se dizer que elle o tornou possivel. Sem duvida, sem um homem pratico, como Sir William Fothergill Cooke, a telegraphia electrica seria ainda hoje uma aspiração da sciencia, uma descoberta que ella anunciaria, sem poder realizar: o merecimento porém de um homem como Sir Wheatstone que no fundo do seu gabinete descobre uma lei da physica não fica diminuido pelas infinitas applicações que a industria superior dos homens praticos de genio dá a uma força da natureza. Em todo o caso, é o nome de Sir Charles Wheatstone que ha de ficar ligado á telegraphia electrica. «Como o nome de Franklin está para sempre associado, diz o *Athenaeum*, ao desprendimento do raio das nuvens, assim o de Wheatstone ha de eternamente ficar inscripto nesses fios que quasi circulam a terra, e unem as nações mais distantes pela mesma scentelha etherea.» Wheatstone era um dos poucos Associados estrangeiros do Instituto de França. O telegrapho podia bem transmittir ao mundo inteiro, como uma ultima homenagem, a noticia da morte do grande sabio.

A morte do Sr. Aureliano Tavares Bastos será justamente sentida por todo o paiz como uma das perdas mais consideraveis que elle podia experimentar. O Sr. Tavares Bastos por suas idéas e por seu espirito pertencia á escola democratica; era um liberal adiantado, um grande decentralizador, um verdadeiro homem publico *americano*. Ainda que nem todos acompanhem os seus planos politicos e as reformas profundas e radicais que elle quizera fazer na Constituição, ninguem pôde não reconhecer que os seus principios eram o resultado de estudos serios, de aspirações reflectidas, de um exame accurado das questões politicas, e de uma coavieção inabalavel. Coube ao Sr. Tavares Bastos ser entre nós o mais intelligente iniciador das ideas que constituem o credo da escola de Manchester, e na Europa e na America o seu nome era um dos poucos que se conheciam de nosso paiz, como de um economista liberal. As causas que o Sr. Tavares Bastos mais tinha a peito, com a do livre-escambo e da decentralização politica, eram a separação da Igreja e do Estado, e a eleição directa. No joven brasileiro, seria muito dizer que o Brazil perdeu um estadista, porque a capacidade administrativa, a iniciativa politica, a firmeza, a energia, o tacto, emfim todas as verdadeiras qualidades do homem de estado só se revelam no governo; pôde-se porém dizer que o Brazil perdeu um dos seus homens públicos mais intelligentes, um dos seus rares parlamentares distintos, um dos seus publicistas mais populares, e o partido liberal uma de suas reputações mais solidas e, não esquecendo o muito que elle fez, uma de suas melhores esperanças. Tavares Bastos succumbiu em Nice, sem ter visto a realização do seu ideal: o governo representativo no Brasil.

A propósito do apparecimento em Paris de um novo jornal litterario, intitulado *La Vie littéraire*, e sobretudo do seu redactor em chefe M. Albert Collignon, autor da *Arte e Vida de Stendahl*, encontramos no *Temps* a seguinte interessante carta, até hoje inedita, de M. Taine:

« Ao redactor em chefe da *Vie Littéraire*.

« Menton-Saint-Bernard (Alta-Saboia), 18 de Outubro.

« Senhor,

« Muito me honrais pedindo-me um artigo sobre Stendahl e Sainte Beuve, esses nossos dous mestres em critica, sobre os quaes muitas vezes tenho de longe entrevisto um estudo completo. Esse estudo seria a synthese de toda a psychologia moderna; porque si um fez as raças, os grupos, as épocas, a psychologia geral, o outro fez os individuos, a psychologia biographica.

« Mas o assumpto é muito vasto, e infelizmente eu tenho um espirito muito concentrado e muito methodico. Para fazer uma cousa é preciso que eu me entregue á ella totalmente, que não pense senão nella durante tres meses, seis meses, um anno e mais.

« N'este momento imprimo o primeiro volume de minhas *Origens da França Contemporânea*, e esboço o segundo. Durante muito tempo ainda, meu cerebro não comportará outra cousa: ahi accumulo tudo o que, de perto ou de longe, prende-se á Revolução, e assim a teia interior se vai formando; si eu introduzisse outros materiaes, ser-me-hia preciso um esforço enorme e muitos mezes para reatar os fios partidos; por isso renunciei á todo artigo ou trabalho estranho.

« Eu vos devolvo a carta de Sainte-Beuve; é exactamente o homem fino e escrupuloso nas nuanças. Eis o que elle nos censurava á nós outros modernos, a ignorancia dos antigos meios, a falta de tradição, a exageração do talento ou pelo menos do papel que tinham representado os nossos favoritos: por exemplo, elle achava que eu admirava demasiado Stendahl, Balzac e Michelet, e censurava-me de não julgalos senão por suas obras. Em compensação eu entendia que elle colava demasiado alto de Vigny, Hugo, Chateaubriand, Lamartine. O que hade certo é que ha trinta annos para cá o ponto de vista é diverso: menos phrases e bellas palavras, mais detalhes e verdade de observação, o que explica a diferença dos juízos.

« Eu ousava dizer ainda, em resposta á Sainte-Beuve, o seguinte: em um escriptor ha dous homens; o primeiro que se dirige aos seus contemporaneos, lisongea-lhes o gosto, e além disso exhibe-se, tem um papel, uma *coterie*, um successo; o segundo que se dirige ás outras gerações e se apresenta no futuro unicamente com suas obras. Eu prefiro o segundo; o que é essencial é a porção durável. O proprio Sainte-Beuve ganhava com esta distinção. Que distancia entre o Sainte-Beuve de *Volupté*, dos primeiros Retratos, e o Sainte-Beuve psychologista, o grande botânico moral do fin.

« O primeiro era o caudatário dos poetas e dos grandes escriptores, o commentador obrigado, um acolyto modesto de Mme. Récamier; o segundo é um dos dous fundadores da critica psychologica e da historia natural do homem.

« Estarei em Paris no dia 1º de Dezembro; espero conversar com vosco sobre o nosso Stendahl. Ha ainda delle muita cousa inedita. Pedi á Sully Prudhomme para obter-vos, por intermedio de M. Philippe Delaroché, uma biographia de Stendahl escripta por um inglez. nella encontrareis cartas curiosas de sua primeira mocidade á sua irmã Paulina.

« Michel Lévy emprestou-me tambem um manuscrito que Mérimée devia publicar com dous fragmentos de uma grande importancia, um sobre o caracter de Napoleão.

« Aceitai, senhor, todos os meus votos pelo vosso successo, e a expressão de minha viva sympathia.—H. TAINE. »

CORREIO DO RIO

Todos devem ainda estar bem lembrados do calor immenso e da chuva diluviana com que os céus nos favoreceram no dia 2 de Dezembro. Na antiguidade, os aruspices procurariam logo interpretar esse excesso da natureza. Se os bispos ainda estivessem presos, eu diria que a Providencia muito de proposito encomendou aquelle mau tempo para o dia dos annos do Imperador, afim de significar-lhe desse modo o seu descontentamento.

Hoje, porém, já essa explicação não pode servir, e eu estou quasi levado a crer que a Providencia, com muito espirito, quiz simplesmente dar-nos no dia da abertura da nossa Exposição Nacional, uma amostra dos dous elementos, calor e humidade, a que segundo a opinião de alguns pessimistas, deve o Brazil o seu progresso.

Deixemos porém essas conjecturas. Quem poderá *rerum cognosere causas?*

A' proposito, ou mesmo sem proposito, quero aqui notar a ingenua pretenção do nosso seculo, quando julga ter inventado as exposições... que já os gregos conheciam; (abrindo um parenthesis, direi que esta

pretenção se estende a grande numero de *incenções modernas*.) Quem na verdade não ouviu fallar nos Jogos Olympicos, Isthmicos, Pythicos, ou mesmo nas grandes Panathenéas?

Seis nunca ter visto essas festas nacionaes da Grecia, o que facilmente se explica, creio sem muito esforço que ellas tiveram uma grandeza, uma solemnidade a que as maiores Exposições da Europa jamais hão de attingir.

Que spectaculo maravilhoso, por exemplo, não devera ter sido o dos povos da Hellada reunidos sobre as bellas collinas de Olympia — *a patria commun*, vendo em baixo na vasta planicie estenderem-se o estadio e o hippódromo banhados pelas aguas do Alpheu, as longas avenidas que bordavam milhares de estatuas incomparaveis, as columnas votivas, os *thecouros*, e superior a tudo, cercado pelo bosque sagrado, o templo de Jupiter Olympico, para o qual Phidias esculpira a sua estatua immortal, e onde crescia a oliveira cujos ramos coroavam os vencedores!

Era ahi a vasta arena onde os filhos rivaes de Sparta ou de Athenas lutavam e se expunham, mas ao ar livre, debaixo de um céu brilhante e doce, no meio de uma atmosphera transparente e serena, que tudo envolvia e desenhava com precisão, alumados por uma luz ineffável, e sob as vistas da Grecia inteira.

**

E' claro, porém que entre esses grandes concursos de todos os estados gregos e as exposições de hoje, ha a diferença que existe entre a civilisação moderna em que tudo, mesmo a arte, é uma forma da industria, e a civilisação grega em que tudo, mesmo a industria, era uma forma da arte.

La plus belle femme, diz-se, ne peut donner que ce qu'elle a, ou por outras palavras, ninguem pôde expor aquillo que não tem. Por isso o nosso seculo expõe a machina, que é o seu melhor producto, os gregos expunham o homem.

E' preciso accrescentar que os jogos gregos não eram simples lutas de éphebos, havia nelles verdadeiros concursos de poesia, de escultura, de pintura, de historia, de musica, de beleza, e até de calligraphia.

Graças a Deus, cá no Brazil não adoptamos os concursos de poesia, e isso por muitos motivos; creio que nos seria mais facil expor, por exemplo, uma arroba de bom café do que um bom verso. Appello para o Sr. Rozendo Muniz, que ao mesmo tempo é empregado da Agricultura e do Parnaso.

Quanto ao concurso de belleza, (Sophocles, homem grave,— não o desdenhou,) é sabido tambem que só os que nelle eram vencedores, podiam aspirar ao sacerdocio de Jupiter Egeano ou de Apollo de Thebas. Ora se entre nós para ser bispo fosse preciso passar por um concurso de belleza, não creio que o Revd. Frei Vital podesse temer um concorrente serio.

**

R
Eu peço mil desculpas de haver feito esta digressão pela Grecia. Mas o que querem! eu tenho a

mania de ir lá a todo proposito buscar as minhas comparações. E' que para mim,—(em que peze áquelles que ainda acreditam no progresso, um mytho á meu ver), — nós hoje somos apenas uns māos [discípulos dos gregos. Se Protagoras dizia que Athenas era a escola da Grecia, nós podemos dizer que a Grecia ainda é a escola do mundo. Mas deixemos em paz os gregos, os quaes por certo lá do outro mundo nos devem votar ao mais perfeito desprezo, e entremos no palacio da Agricultura, transformado hoje em Palacio da Exposição nacional.

Logo ao subir a escada principal e unica, depara-se com o quadro do Sr. Pedro Americo representando a *Passagem do Passo da Patria* pelo general Ozorio. Se o pintor brasileiro se escondesse, como Apelles atraç do seu quadro para apreciar o juizo do publico, não creio que elle ouvisse cousas bem agradaveis. E' que desta vez o Sr. Pedro Americo não esteve na altura do seu talento.

O seu quadro tem em primeiro lugar o insignificante defeito de não dar absolutamente idéa do grande feito d'armas praticado pelo legendario Ozorio.

Em vez do caudoso Paraná, vemos um pequeno riacho, a que um tronco d'arvore serve de pinguela.

Mas se a composição é má, a execução não é melhor. Aquellas arvores parecem ser pintadas por quem nunca esteve na America; quanto ao tom dominante, é fraco, sem vigor de um verde amarellento e desmaiado.

Ha porém no quadro uma cousa grande, mesmo muito grande: é a lança do general Ozorio, que occupa horizontalmente uma terça parte da tela. Decididamente o autor da *Carioca* podia fazer cousa melhor, e é por isso que devemos todos ser exigentes com elle.

A *Partida dos Voluntarios de Campos*, é um quadro patriótico e indescriptível, da lavra do Sr. Clovis Arrault que intitula-se modestamente *pintor historico e retratista*, esquecendo-se de acrescentar — *e de taboletas*. (*) Notei sobre tudo no primeiro plano do quadro entre a multidão que assiste ao embarque dos heroicos filhos de Campos, um homem adornado de um enorme papo. Isto prova que o illustre artista, homonymo do vencedor de Tolbiac, é um realista da melhor especie, e entende que a arte não deve eliminar as fealdades da natureza. Iguaes ás telas do Sr. Clovis, só as paisagens do Sr. Jacintho. Expôr semelhantes pinturas, é exceder todos os limites da delicadeza. Meu caro Sr. Jacintho, que mal lhe fizemos nós?

O Sr. Rocha Fragoso é de uma fertilidade que espantaria o proprio Tintoretto. E' verdade que se elle trabalhasse mais de vagar, nem por isso trabalharia melhor. Quatro paredes d'uma sala estão cheias de copias e retratos desse mestre, entre os quaes sobresahem: uma

(*) Estou convencido que o Sr. Clovis nos levaria a mal tomarmos a sua pintura ao serio.

Magdalena do Guido Reni, um retrato do Imperador, dous gatos, um cachorro, etc., etc.

Se me perguntarem agora a minha opinião à respeito do Sr. Fragoso, eu direi que elle sem duvida é uma pessoa muito estimavel; do pintor é que não direi nada, e isso já é muito.

A estatua do bispo de Chrysopolis, esculpida pelo Sr. Almeida Reis, merece a attenção do publico. Ella lembra um pouco, se bem que muito pouco, a estatua assentada de Voltaire feita por Houdin e que se acha hoje no *foyer* do Théatre Français.

O trabalho do Sr. Almeida Reis, se não é bom na extensão de palavra, tem todavia qualidades que o recommendam. Ha nelle bastante sobriedade e medida, as *grandes linhas* estão traçadas com firmeza, os detalhes estão bem estudados; além disso reina no todo um certo ar pessoal, o que sem duvida é uma cousa essencial nas estatuas iconicas. O Sr. Almeida Reis não é um mestre (elle tem bastante talento para não aninhar esta louca pretenção); o que se pôde afirmar é que tem estudos serios e vocação.

Ao lado da estatua do Bispo de Chrysopolis ha uma estatua do Imperador.

Se julgam, porém, que eu vou fallar nella, estão completamente enganados.

Foi verdadeiramente notável o bom gosto que presidia a organisação das tres salas que formam a secção das Bellas-Artes. Nellas encontra-se um pouco de tudo. Notamos de passagem: uma cama, o modelo de um bond em folha de flandres e sustentado poeticamente por uns lyrios brancos, o syllabario do Sr. Mascarenhas ou o jogo das syllabas, destinado a substituir nas familias o *burro*, as flôres de penha, trabalho delicadissimo e de muito gosto de M.^{tes} Natté, um projecto de estatua colossal esculpida no Pão de Assucar, tolice colossal do Sr. Leon Després, alguns desenhos assaz ingenuos pelos alumnos do Instituto dos Surdos-Mudos, uns bordados feitos pelas expostas da Santa Casa, as photographias do Sr. Leuzinger e do Sr. Henschel (*), as bonitas aquarellas do Sr. Pacheco (eu desejaria que elle as fizesse maiores), e até livros de escripturação mercantil.

DOM RAYMUNDO.

P. S. Quem quizer conhecer a nossa industria, não vá a Exposição. Além dos productos que a terra nos dá sem esforço, só se encontra alli a industria Tupy. Devo abrir uma excepção em favor dos respeitáveis pensionistas da casa da Correcção, que expuseram bons trabalhos. O estrangeiro que não conhecer o Brazil dirá que o brasileiro só trabalha bem na Correcção.

DOM RAY....

(*) Devo notar que as gravuras do Sr. Leuzinger são simplesmente da celebre casa de Goupil de Paris.

E singular esse sistema de expôr as obras dos outros.

Quanto ás photographias coloridas do Sr. Henschel, acho que elles têm o pequeno defeito de alterarem completamente a physiognomia das pessoas, tornando até feias as que a natureza entendeu fazer bonitas. Veja-se, por exemplo, o retrato de M.^{me} Barros Barreto.

NOTAS A LAPIS

Recebemos as seguintes notas a lapis sobre o baile de Suas Altezas:

Voltei do Paço Izabel realmente encantado do maravilhoso baile ao qual assisti. Tudo contribuiu para tornar a festa esplendida: a affabilidade de Suas Altezas, a escolha dos convidados, o brilho dos uniformes, a elegancia dos *toilettes* e até, para os prosaicos, a fartura e delicadeza das iguarias. Tudo dava á esse baile, o cunho de elegancia e riqueza que caracterisam as melhores festas Européas.

Mas o que se não vê na Europa é uma entrada como estava a do Paço Izabel, ornada das mais viçosas plantas dos tropicos. Uma bellissima palmeira servia de candelabro com pingentes de gaz, debaixo de um toldo que transformava em sala um dos pateos do Palacio. Logo adivinhei que tão artisticas metamorphoses eram obra do Sr. Glaziou.

A's 9 horas chegaram Suas Magestades, e logo rompeu o baile, dansando a Princesa Imperial a primeira quadrilha com o Sr. Manoel Francisco Corrêa. Igual honra tiveram no decurso do baile os Srs. Duque de Caxias, Visconde de Jaguary, e os ministros da Italia, da França, da Alemanha e de Portugal.

Todas as senhoras se tinham esmerado nos *toilettes*, e a còr azul predominava. Bem quizera descrevelos todos; é impossivel; mas alguns scintillam ainda por tal feitio «aos olhos da minha memoria» que não posso deixar de fallar n'elles.— Lembram-se d'aquelle vestido azul tão simples, tão rico, tão elegante? Quem o trajava, certa de sua belleza, não poz nem um diamante, nem uma joia. Consolou-me ver o Sr. Conde d'Eu dansar com ella. Até enião Sua Alteza só tinha dado o braço á personagens de idade... e... como direi?... de belleza correspondente ás suas altas posições. Esta felizmente reune tudo.

Outro *toilette*: setim branco, *corselet* justo e enfeites, saia lisa e estreita, cujas longas e elegantes linhas só eram interrompidas por uma *double écharpe* preta e branca. Era trajado por uma senhora que me parece ser uma das sete estrelas que tiram o somno á *Giroflé-Girofla*. Seus ares sempre candidos lembram-me a Margarida de Goethe, mas Margarida brazileira de cabellos pretos.

Duas gentis estrelas de S. Christovão trajavam vestidos de *tulle* branco ornados de folhas e flores de acacia.

A baroneza de S. Clemente, estava de lucto; e o preto *lui sied à râvir*.

Não diz menos bem o azul á Sra. Moniz Aragão, cujo vestido coberto de riquissimas rendas brancas era tratado com toda a sem ceremonia, como se não fôra *du Worth*, tout pur.

Acabemos por uma ultima descripção, *last but not least*, o *toilette* de Sua Alteza Imperial, typo de bom gosto, e exemplo que deveriam seguir algumas senhoras para quem elegancia e decencia nem sempre são synomimos: Vestido de *tulle* branco, com meia saia de crepe de *Chine* branco, apanhado por flores azues. Es-

trellas de brilhantes no cabello, e um magnifico collar de perolas.

O baile acabou por um animado *cotillon* que durou perto de duas horas.

D.

Correspondencia da « Epocha »

A SUA MAGESTADE O IMPERADOR

Membro do Instituto (não é o Historico)

Senhor,

Vossa Magestade chegou hoje ao cimo da montanha; sobe-se a vida até aos cincuenta annos, dessa idade começa-se a descel-a. V. M. acabou sua ascensão; tocou ao ponto mais elevado, e agora principia a « perlongar » a outra encosta; permitta-me, pois, Senhor, que eu philosophue um pouco com o homem que vai envelhecer sobre o governo do nosso paiz. Sem querer fazer um tratado *De Senectute*, por que a velhice me apparece ainda muito longe, e por que V. M. distinguiria logo a minha prosa da de Cicero, e mesmo sem querer dar uma elevação exagerada á uma conversa que tomo a liberdade de travar nesta carta com V. M., não posso não desprender-me um momento das cousas da *Epocha* para pensar, hoje que V. M. completa um meio seculo de vida, um pouco seriamente sobre assuntos graves.

V. M. mesmo na sua curta resposta ao Presidente da Exposição Nacional mostrou que ligava uma importancia especial ao dia de hoje. Não duvido mesmo de que lembrando-se em massa do seu longo reinado, V. M. não tenha feito esta manhã um exame de consciencia e dado o balanço ás suas contas com a posteridade. A unica posição que eu acho verdadeiramente invejavel é a de confessor de V. M. O Monsenhor Felix é o titular desse emprego; é possivel, porém, que elle seja puramente honorifico, mas se V. M. confessasse como um bom e verdadeiro catholico, e não receive directamente suas absolvições de Roma, como amendoas de Anno Bom, que fonte de instruccion politica é essa de seu confessor! Não creio, Senhor, que ninguem tenha contra a vida do sacerdocio objecções mais serias do que eu, todas nascidas da certeza que tenho, de que, achando-me, como os grandes santos, em estado de tentação, entre o diabo, sob a forma de uma mulher bonita e o espinheiro de S. Francisco, eu atirava-me ao.... diabo. Pois bem, apezar dessas objecções, tomaria ordens amanhã, se V. M. me promettesse nomear-me seu professor, e fizesse-me mais a promessa de contar-me os seus peccados.

Não creio que sejam grandes, mas por menores que sejam, quem os conhece pôde fazer uma idéa justa e verdadeira do homem, que o Imperador Constitucional esconde sempre. Nada é mais commum do que encontrar pessoas com a pretenção de conhecer á V. M.; eu pelo menos sei de mais de vinte cuja penetração politica só se revela nestas palavras, que a

cada momento repetem: « eu conheço o Imperador! » E' uma illusão como qualquer outra; essas pessoas conhecem tanto a V. M. como se conhecem a si. E' por isso que eu quero hoje entender-me uma vez por todas sobre o *governo pessoal*, de que tanto se falla, com muita paixão, porque a paixão é facil de fingir, mas com pouco senso, porque não se imita o juizo.

Eu sou dos que acreditam na existencia do governo pessoal, devo dizer-o com o mais profundo respeito, mas não accuso por isso a V. M. Para acusá-lo seria preciso que V. M. houvesse usurpado esse poder, e eu seria o ultimo dos imbecis senão visse que uma serie de causas historicas successivas foram lentamente augmentando a somma de influencia que de direito deve pertencer ao Chefe do Estado, e senão descobrisse que o nosso actual governo é o producto natural de nossa sociedade. Cada povo tem o governo que merece, diz o proverbio, e não creio que Montesquieu podesse escrever um livro de sciencia politica que valesse mais do que essa simples phrase; cada povo tem o governo que pôde e por uma razão muito simples: porque nada neste mundo existe sem causa, nem sem uma causa sufficiente, muito menos o governo, que é o organismo politico, e pôde-se dizer moral de um estado. Nessas condições, Senhor, a sciencia politica, o que se pôde chamar a physiologia social, não me deixa concluir contra V. M., fazendo cahir sobre sua cabeça a responsabilidade do governo que temos; por ora ainda não sou victimo de uma enfermidade singular que atacou muitos dos mais intelligentes democratas deste paiz ha alguns annos. Houve um tempo em que não se commettia um assassinato em Matto-Grosso, um furto de cavallos no Rio Grande do Sul, um rapto em Piauhy, sem que dissessem logo: « foi o Imperador. » Essa mania felizmente passou, e hoje vê-se menos o dedo de V. M. em toda a parte. Não, Senhor, V. M. acha-se de facto na posse de um poder sem limites, não precisando para exercel-o de ultrapassar a raia constitucional de suas attribuições, nem de expôr-se a ficar descoberto, nem de comprometter-se pessoalmente; esse poder, porém, ninguem dirá que V. M. usurpou-o pela violencia. O poder pessoal é entre nós o sedimento formado pelas areias mais diversas, a que se reuniram os esqueletos mais curiosos. E' a nossa raça, é a escravidão, é a moral do longo periodo do trafico, é o nosso clima, são os habitos inveterados, é a depressão dos caracteres, as difficultades da vida em um paiz em que a riqueza acha-se mal distribuida, é o nosso immenso territorio, e a nossa relativamente diminuta população, é a falta de instrucção, é a indifferença geral pela luta dos partidos, é enfim tudo, inclusive a febre amarela, a falta de irrigação e de agua potável, o que produz entre nós o governo pessoal.

D'ahi vem a força de V. M. que pôde hoje tudo. Como disse, não se deve attribuir esse resultado a um homem só: não creio que V. M. tenha corrompido todo o paiz, não me entrego á esses devaneios humoristicos. Limo-me, Senhor, a reconhecer que se V. M. quizesse, eu mesmo organisaria amanhã um

ministerio forte com os meus collegas da *Epocha*, e faria eleger uma camara de assignantes da folha, em que o terço, para salvar o *empenho de honra* de V. M., seria reservado á assignantes do *Apostolo*.

Depois de reconhecer esse facto, eu pergunto se V. M., ao completar os seus cincuenta annos, não accordou dizendo: singular governo o meu!

Sim, Senhor, d'isso pôde V. M. entrister-se com o paiz, o nosso governo é o mais singular, o mais unico do mundo. Nunca se previu semelhante combinação, para a qual eu devo chamar a elevada curiosidade do membro do Instituto de França.

Nós temos um regimen parlamentar aperfeiçoado; é verdade que n'essa paisagem ha sombras demais: uns orçamentos que se prorrogam sempre, umas scenas mais proprias da praça do mercado, uns duellos de improperios entre senadores e ministros de estado, e outras mais; o parlamento porém existe. Tambem ninguem o toma ao serio, a começar pelo presidente da camara, o Sr. M. F. Corrêa, um dos homens que chegaram mais depressa a mais elevada posição parlamentar: eu tenho pelo Sr. Corrêa não pequena sympathia, mas quando me disseram que S. A. I. rompeu na outra noite o seu baile dansando com elle, devo dizer que fiquei admirado; o Sr. Corrêa é hoje um subordinado do Sr. Ministro do Imperio, e S. A. devia ter dansado antes, por mais desagradavel que isso lhe podesse ser, com o Sr. José Bento. Eis ahi uma cousa que V. M. não verá em paiz algum: um presidente de camara empregado publico, passando sem intervallo do subsidio ao ordenado, ao mesmo tempo servindo sob as ordens de um ministro e representando o parlamento. Acho esse facto tão caracteristico, que apezar da sympathia que voto ao Sr. Corrêa, vejo-me forçado á assignalal-o, mesmo porque esse dispensa-me de aduzir outros. Pois bem, nós temos um excellente regimen parlamentar, admiravel, estupendo, e como o Pão de Assucar, colossal; falta-lhe apenas uma pequena cousa, á esse regimen parlamentar: ser representativo, nada mais.

Sendo assim V. M. não precisa mais para governar absolutamente do que de mudar o ministerio, á cada evolução do seu proprio pensamento; e, o que é mais commodo ainda, é que dentro mesmo de um só partido V. M. pôde fazer todas esses evoluções. A politica assim é uma viagem *A rota do meu quarto*. E' isso o que nossos partidos tem de particular; n'elles ha homens para todas a idéas, sobretudo depois que o Sr. Barão do Cotegipe, fundou entre nós o fatalismo politico: « Allah é grande e Mahomet é o seu propheta! » O partido conservador, esse é admiravel: que modo de manter-se no poder e de reunir os membros divididos! A emancipação, a questão religiosa, e a reforma eleitoral haviam separado pelo meio essa cobra de duas cabeças, e eil-a ahi de novo unida, como se nunca as duas metades se tivessem querido devorar... uma á outra! E' preciso confessar, Senhor, que um partido que dá a V. M. homens para duas politicas tão diversas, uma radical, outra reaccionaria, tem uma vitalidade invencivel, e que mesmo

quando V. M. o tiver degolado será preciso que lhe sacuda os hombros para a cabeça cahir.

Essas considerações levaram-me longe. O que eu quis mostrar foi sómente que V. M. pôde tudo, e que pôde-o porque uma complicidade espantosa de causas naturaes fizeram da monarchia o unico poder forte, o unico princípio acatado, a unica força activa do paiz. De posse d'essa dictadura, o patriotismo de V. M. não lhe pôde inspirar outra politica senão a fundação de um governo serio e respeitável. E' sobre esse ponto que dirigirei à V. M. uma nova carta nas proximidades de sua viagem em roda da terra. O momento escolhido para esse passeio triumphal aos Estados Unidos não me deixa vêr com bons olhos a partida de V. M. «A honra do Imperador», como escreveu o Sr. Octaviano, vai correr perigo na campanha do terço.

A' este respeito não posso me impedir de dar um conselho à V. M. Os conservadores dizem que a nova lei offerece todas as garantias á oposição, e que a proxima camara deve representar verdadeiramente o paiz, o que segundo as proprias declarações de V. M. I. não aconteceu ainda á nenhuma; os liberaes por seu lado dizem que essa lei não lhes offerece mais garantias do que a Porta Ottomana aos seus credores. Pois bem, o meio de tirar a prova da lei, é encarregar os liberaes de executá-la: se a lei é realmente boa, os conservadores que estão certos de ser o paiz em peso, virão em maioria; se a lei é má, não virá um só... Seria um bom meio de ensinar os partidos a fazer leis, mandal-as executar pelos adversarios. Para isso, Senhor, V. M. tem bastante espirito.

Fazendo os mais ardentes votos pela duração do reinado de V. M. I., já o mais antigo dos soberanos do mundo, tenho a honra de assignar-me, em vez de *Ninguem*, que é meu nome, mas que seria altamente grosseiro abaixo d'esses votos espontaneos,

TODO O MUNDO.

Chronica Fluminense

Desta vez se eu não escrevesse seria por ter muito que dizer: extremos dos paizes quentes. *A tout seigneur, tout honneur.* Vamos ao baile de Sua Alteza Imperial. Já ha bastantes descripções dessa festa na *Epocha*, para eu não fazer uma nova, limito-me a dizer duas palavras. O que o Rio de Janeiro pôde dar de elegancia, de bom gosto, de simplicidade, e de luxo, deu nessa noite. Não houve quem não ficasse penhorado pelo modo de receber que têm os Príncipes; não pôde haver menos etiqueta, nem mais franqueza em palacio.

O que se não pôde dizer, como um dos nossos colaboradores, é que houvesse um grande luxo de

toilettes. Ao contrario; parece mesmo ser o desejo de Sua Alteza Imperial que os seus convidados não se arruinem para concorrer ás suas recepções. A Imperatriz dava o exemplo; o vestido que trazia, já eu tinha tido o prazer de vel-o no theatro, é verdade que sem as rendas finissimas que o cobriam na noite do baile. Assim, quasi todos os outros eram meus conhecidos velhos, e não houve senão poucos que eu não comprimentasse com uma certa familiariedade. Comprehendo bem que uma senhora prenda-se á um vestido, sobretudo quando é o vestido de casamento, e nunca censurarei a nenhuma por não me dar em todos os bailes, mesmo nos grandes e em palacio, uma novidade, uma *primeur*. Tanto mais que eu quando vejo uma senhora com um vestido que lhe assenta bem, ligo por tal forma a idéa do vestido á da mulher, que custa-me a separal-as depois. Assim por exemplo, ha um certo toilette de velludo preto que estava na minha memoria, — e por isso na minha imaginação, — tão inseparável de certa senhora, que vendoa-a, a outra noite, de branco, quasi não a reconheci. Como eu comprehendo que se ponha seis vezes á mesma toilette, com a liberdade de alteral-a, de modifical-a, disfarçal-a, não insistirei no ponto da *haute nouveauté* dos vestidos do baile; o que posso afiançar é que se eu fosse mulher (*hypothese* que me arripiaria todo!) e moça, e elegante, isto é, já casada, levava um vestido novo ao baile da Princeza.

**

Os homens por seu lado estavam, uns de uniforme, outros de casaca. A este respeito devo dizer que abaixo dos convites havia a formula: Uniforme ou casaca preta. Como entender essas palavras? Os que não têm idéa dessas delicadezas supuzeram que o principe recommendava que se não fosse de paletot; ainda que eu não tivesse o prazer de conhecer todo o mundo que estava em palacio, creio que ninguem precisaria de uma tal advertencia. Os que porém têm um certo *savoir-vivre*, sabem que o principe não quis dizer senão uma destas duas cousas: casaca ou uniforme, á vontade, conforme o calor; ou então, se não tiverem uniforme, venham de casaca, é o mesmo. Eu penso que essa interpretação é a mais natural; quem tem uniforme, isto é, quem tem direito de pôr uniforme não vem de casaca. Logo que entrei vi porém que reinava a mais completa anarchia entre os homens. O Sr. Figueira de Mello, senador, estava de fardão grande, como se fosse dia de grande gala, e o corpo diplomatico de casaca. Parece que houve uma correspondencia para se fixar a verdadeira *tenue*: desde que o convite fallava de uniforme, estava entendido que não se devia ir de outro modo... tendo-se a fortuna de ter um, o que não é o meu caso. Sujeito essa questão ao Conservatorio Dramatico.

**

A ceia esteve explendida, havia mesmo um prato *Paca à da Destillac* que se devia mandar á Exposição

de Philadelphia para recommendar a nossa cosinha. O que me deu uma idéa de que a reconciliação da casa de França é completa, foi ver na mesa ricamente ornada uma garopa à la Chambord. Quanto a mim, eis como eu compuz o meu *menu* particular: «Bijupirá sauce écrevisse, paca à la Destillac, dindonneaux à la brésilienne», um *menu* todo brasileiro, mas que tive de regar com uns calices de Chateau-Iquem, Chamberlin, Porto velho e Champagne Clicot, porque não achoi lá os vinhos de cajú, genipapo e maracujá, que estão na Exposição.

O *cotillon* dirigido pelo joven conde de Barral, esteve muito animado, e pôz fim á uma das mais bellas festas que se tem dado no Rio de Janeiro, sahindo os convidados á lamentar que todos os annos não se tenha.... um principe do Grão-Pará.

**

O baile que os accionistas do Cassino offereceram a SS. AA. esteve muito concorrido. Sentio-se muito que a Imperatriz não tivesse podido assistir a essa festa. Basta gente, muitos vestidos novos, sobretudo brancos. Efeitos do calor ! Entre tantas *toilettes*, a côr de rosa de S. A., que tinha diamantes. A joven M.^{me} d'Aragão de branco, com o vestido coberto de musgos e flôres vermelhas ; o vermelho é o que põe mais em realce sua belleza, não posso dizer o mesmo dos musgos. A bella M.^{me} Diogo Velho toda de branco, e segundo o seu costume sem uma joia, parecia ir *fazer* a sua primeira communhão. Muito bonitos, dous vestidos irmãos tambem brancos, guarneidos de rosas muito frescas, e cobertos na frente de *jaïs blanc*, formando escamas brilhantes....de sereia. Para não sahir do branco, dous outros vestidos ornados apenas de *bouquets* de violetas, violetas tambem nos cabellos. Enfim cem outros, de todos os feitios e cortes, uns com uma cauda que ia de um lado a outro da sala, outros que pareciam *costumes* ; uns simples, outros que eram verdadeiros arco-íris.

**

Queria dizer uma paíavra sobre o jantar dado pelo meu amigo, o ministro de Portugal, mas que querem ! A festa esteve brilhante, dizem todos ; o serviço do jantar não foi como seria se o fizesse o *Café Anglais*, mas foi o que se pôde dar de melhor com os nossos recursos culinarios, (que o Sr. Mathias de Carvalho conhece a fondo, porque além de tudo que sabe é um mestre na difficult arte de comer bem) o nosso mundo official estava todo representado, o *toast* que o ministro Portuguez fez aos Príncipes foi um modelo de bom gosto. Em tudo isso eu convenho ; mas que querem ? Cheguei a não comprehender que haja uma festa sem a presença d'esse sexo, que apezar de tudo, ainda deve ser chamado—o bello, por exclusão do nosso.

**

Com essas festas terminou a vida fluminense....no Rio. Agora esperemos que nos venham notícias de Petrópolis e Friburgo.

GIROFLÉ-GIROFLA.

MISCELLANEA

O partido conservador acaba de perder um dos seus homens de mais prestigio politico e social, o visconde de Camaragibe. Com essa morte o partido conservador de Pernambuco fica sem o seu centro, antes de accão do que de resistencia, não havendo ninguem que possa recolher a herança do homem que foi muito tempo chamado—o rei do Norte. E' que uma *situacão* tal como a do Sr. Camaragibe, é inteiramente excepcional em nosso paiz; será mesmo um problema de nossa historia politica, se a nossa politica pode pertencer á historia, saber como elle conseguiu tanto tempo manter no Brazil contemporaneo a sua influencia, tão real e tão verdadeira, que muitos o consideravam o senhor feudal das provincias do Norte. Sinceiramente lamentamos a morte do Sr. visconde de Camaragibe, porque a ella deve seguir-se a desorganisação de um partido politico em o ponto em que elle se achava mais compacto, e a sujeição de uma grande província, enquanto elle se mantiver no poder, ao governo absoluto dos presidentes, quaesquer que lhe mandem.

**

A *Semana Illustrada* teve a amabilidade de traduzir os versos allemaes de Neuman, publicados em o nosso ultimo numero, dando-nos em um desenho a allegoria do poeta. O desenho representa o coração, tendo em uma das *camaras* a figura da *Alegria* desperta e animada, e na outra a *Dôr* adormecida. A *Semana Illustrada* agradecemos muito os sentimentos que nos exprime.

**

Um dos nossos melhores jornaes, e que faz honra á nossa imprensa, tem um traductor que *dormita*. Já uma vez o *careau des rois* em Saint-Deniz apareceu traduzido pela *adega dos reis* em Saint-Diniz ; agora é uma nova traducção pelo menos tão picante. Quando se tratou de fazer a restauração ultimamente em França, o Marechal de Mac-Mahon, consultado sobre a bandeira branca, disse que se a revolução lhe oppuzesse a tricolor,—*les chassepots partiraient tout seuls* ; o traductor verteu assim a phrase historica: «os chassepots não teriam quem os acompanhasse. »

**

Recebemos da livraria B. L. Garnier uma das novelas de Arsène Houssaye, *O Romance da Duqueza*, historia parisiense vertida para a nossa lingua pelo Sr. Matheus de Magalhães, e o primeiro volume de um novo romance já anunciado do Sr. J. de Alencar, *O Sertanejo*. Quando aparecer a ultima parte d'essa obra nós emittiremos sobre ella um juizo.

De Paris chega-nos uma brochura *Lettre sur L'Empire du Brésil* par Albert de Carvalho, docteur en droit. Cremos que o autor é um nosso compatriota, Alberto de Carvalho, que fez seus estudos de direito em Paris.

**

A recepção de S.S. A.A. no Paço da cidade esteve muito concorrida; as pessoas que assistiram ao baile, e os convidados que não poderam estar presentes, compareceram todos. A Princeza tinha um vestido *grenat*, aberto em quadrado no collo, e fazia a todos um acolhimento muito amavel; quasi todas as pessoas tiveram a honra de beijar-lhe a mão. Em uma das janellas, estavam os principes, filhos do Duque de Saxe, «a reserva da monarchia», como dizia um alto personagem presente.

NA EXPOSIÇÃO NACIONAL (1)

UMA MOCINHA DE 15 ANNOS, pobre, mas bonitinha, diante do brilhante de 15 contos:—Que cousa bonita! Por essa pedra eu acceitava algum velho rabugento para marido.

UMA MATRONA, diante da collecção mineralogica do Sr. Gorceix:—Quanto cascalho! Si é para vêr isto, não valia a pena pagar os meus dous tostões.

UM VOLUNTARIO DA PÁTRIA, diante do quadro de Pedro Americo, representando a passagem do *arroyo* Paraná:—Eu estava ahi. O general Osorio sempre que ia caçar, me levava no piquete. Olhem... olhem! Lá está a minha mão... Aquella grande!...

UM ENTENDIDO NA MATERIA, diante do mesmo quadro:—Que cataplasma! Não ha cõr, não ha gosto, não ha nada.

UM LAVRADOR INGENUO, diante dos feijões do Paraná:—E dizer que a terra produz tudo isto!

UMA MULHER QUE ENGANAVA O MARIDO, diante da peca do Arsenal de Guerra:—Cuidado, *benzinho*; olhe que ella pôde estar carregada. Tua vida não te pertence!

UM PELINTRA CASADO COM UMA VELHA RICACA, diante dos animaes empalhados:—Si eu pudesse expôr a Leocadia assim!

O SR. SALDANHA DA GAMA, diante de um sipo grosso:—Has de por força entrar em classificação!

O SR. CAMINHOÁ, diante de umas algas:—É provavel que o Saldanha não as conheça.

UM ALAGOANO, diante das madeiras de sua província:—Decididamente muito temos trabalhado, nós lá da terra!

UM GASTRONOMO, diante dos queijos:—Têm cheiro forte... ergo, são excellentes.

UM MÂCON, diante do quadro da libertacão do ventre:—O Saldanha em tudo ha de brilhar!

UM SIMPLORIO, diante do mesmo quadro:—Onde está o ventre?

UMA COCOTTE, diante da mobilia do Costrejean:—No periodo de regeneracão em que estou, este leito negro me convém. Fallarei ao commendador.

(1) Publicamos este interessante artigo conforme nos o mandaram, para respeitar, como prometemos, a liberdade do pseudonymo de nossos collaboradores, mesmo quando a sua critica leve alcance amigos nossos, como Salvador de Mendonça, Zaluar e o Sr. Lopes Netto, e ainda mais a nós mesmos. «Animo mais desprevenido,» nem o do Sr. Cotegipe.

UM CIDADÃO QUE EXAMINA OS ASTROS, durante e depois de jantar:—Quanto vinho perdido! Si eu fizesse parte da commissão julgadora!

O Sr. Rozendo Moniz entra precipitadamente e sahe da mesma forma.

UM SUJEITO MAGRO SEGUINDO-O COM OS OLHOS:—Não será o Macario que ha pouco vi em Santa Catharina?

UM PARANAENSE, impando de orgulho:—Minha terra, puz tudo em um chinello!

UM BAHIANO, interrompendo-o:—Vá vêr a da Bahia, e note que ainda não chegou nem um vigesimo do que deve vir.

O SR. OCTAVIANO HUDSON:—Corôas até de algodão! Bem fez o Salvador, que abandonou este paiz!

Um écho longinquuo (o Sr. Chico Cunha em Porto Alegre):—Apoiado.

O Sr. Visconde do Bom Retiro gyra vertiginosamente pelas salas. Dez amanuenses o seguem. Desaparece tudo em uma nuvem de poeira.... com destino á Tijuca, á Gavêa, ao Engenho-Novo, ás Paineiras, ao Leme, ao Porto Novo do Cunha? Ninguem sabe.

O VENDEDOR DE BILHETES DE ENTRADA:—O calor está de rachar!

(Uma conversa apanhada)

O SR. ZALUAR:—Já leu o Dr. Benignus?

O SR. LOPES NETTO:—Ainda não, mas se o senhor não viu a condecoracão que me deu o Bey de Tunis, amanhã lh'a trago.

O SR. ZALUAR:—Pois leia o Dr. Benignus.

O SAPATEIRO DE APELLES:—Do que mais gostei, foi da vitrina do Campas.

UM CAPITALISTA diante dos bichos de seda:—Eu nunca trabalhei assim!

O SR. CORONEL CARVALHO no barracão appenso:—Se isto pégar fogo, está por si mesmo circumscreto. Falta porém vizinhança.

O SR. CARLOS HONORIO:—Felizmente não tenho que lavrar a acta da Exposiçao!

UMA VELHINHA muito velha diante dos chapéosinhos de senhora:—Aquelle branco com enfeites verdes havia de me assentar muito bem.

UM NOIVO que não casa por falta de casaca:—Eis aqui o que me servia!

O APOSTOLO, diante do javali da Europa:—Por cá ha mais civilisaçao!

UM PAI, CUJO FILHO SAHIO REPROVADO NOS EXAMES GERAES, diante das bengalas:—A mais grossa no costado do Alfredo....

O SR. DEIRÓ:—Oh! Napoleão nas solidões de Santa Helena, depois da decepçao de Waterloo!

UM DOS REDACTORES DA «EPOCHA»:—Ah! pardon!

UM DESCONFIADO LIBERAL:—Que faz o Homem de Mello naquelle grupo? etc., etc.

SICAMBRO.

UM OFFICIAL, diante da *Batalha de Campo Grande*, á umas moças bonitas:—Quem é aquelle moço loiro?

CLOVIS.

THEATROS E CONCERTOS.

Já que não vou aos theatros, quero dizer duas palavras sobre os annuncios de espectaculos. Tomo um jornal francez qualquer, para saber o que se representa em Paris; o typo dos annuncios é quasi inviavelmente este :

SPECTACLES DU MARDI 19 OCTOBRE

Opéra	<i>Hamlet</i> (Mecredi).
Italien	<i>Hamlet</i> .
Français	<i>Le Demi-Monde</i> .
Opéra-Comique . .	<i>Le Val d'Andorre</i> .
Gymnase	<i>La Dame aux Camélias</i> .
Palais-Royal	<i>Le Panache</i> .
Bouffes-Par.	<i>La Jolie-Parfumeuse</i> .
Variétés	<i>La Boulangère a des écus</i> .
Porte-Saint-Martin.	<i>Le Tour du Monde</i>
Folies.	<i>Les Cent Vierges</i> .

E como esta lista não acaba mais, paro aqui. O que se deprehende d'ella é que esses annuncios são feitos para pessoas que sabem o que vão vêr, e que tem uma idéa do theatro. Quando se diz simplesmente adiante de OPERA :—*Hamlet*, e adiante de ITALIEN, *Hamlet*, sabe-se que ninguem irá á Opera para ver Faure declamar o *Hamlet* de Shakspeare, nem ao theatro Italiano para ouvir Ernesto Rossi cantar o *Hamlet* de Ambroise Thomas. Parte-se da suposição que o publico vai ao theatro pela peça, de que os jornaes tem já fallado muito, e não pelo annuncio. Aqui é diverso; eu abro o *Jornal do Commercio* de hoje. Eis um dos cartazes que os emprezarios de theatros fazem imprimir no *Jornal*.

« Empreza do Actor Guilherme da Silveira

Dous Grandes Espectaculos,

O primeiro ás 4 1/2 da Tarde

Pela Companhia Dramatica

O segundo ás 8 horas da Noite

Pela Companhia Hespanhola de Zarzuela

Honrado com a Augusta Presença de SS. MM. II.

Primeiro Espectaculo ás 4 1/2 horas da tarde

Uma Unica representação á Tarde

Do Unico Successo do Dia

o apparatoso e explendido drama em 5 actos e 9 quadros

CAPITÃO PHANTASMA

Torna parte toda a Companhia

200 comparsos de ambos os sexos.

Eis outro cartaz :

Theatro S. Luiz

Empreza Dramatica da Actriz Ismenia

Ultima representação

do magnifico drama que tanto entusiasmo tem causado
ao respeitavel publico desta capital

AS DUAS ORPHÃAS

N. B.— Os bilhetes vendidos para o espectaculo de quinta-feira 9, que foi transferido, dão entrada no de hoje. (Tambem estas transferencias são *indigenas*.)

Na proxima semana o magnifico drama em 5 actos,

O CRIME DE FAVERNE

no qual estrearão

Primeiro Actor Antonio José Arêas

Ainda um terceiro annuncio :

Empreza do Artista Heller

GABRIEL E LUSBEL, OU

OS MILAGRES DE SANTO ANTONIO

e logo abaixo um grande desenho representando Santo Antonio, ainda menino e já tonsurado, entre anjos.

Não copieie esses cartazes senão porque elles dão uma idéa exacta do que é a arte dramatica entre nós. Não ha nada mais eloquente. A primeira cousa que se observa é que todas as emprezas de theatro estão entre mãos de actores: empreza da actriz Ismenia, empreza do actor Guilherme da Silveira, empreza do artista Heller. Como se quer ter arte dramatica, quando os proprios emprezarios são actores? Outra observação é que ao theatro quer-se atrahir, não a sociedade, mas os caixeiros. Espectaculos ás quatro horas da tarde, offerecidos « á illustre classe caixeiral » eis a que estamos reduzidos. E o ridiculo de todos esses *puffs* : Successo unico do dia! Magnifico drama! Estrella Parisiense! Ultima representação, quando ainda pretendem dar muitas outras! Estréa do primeiro actor, que está a estrear ha mais de trinta annos! Tudo isso mostra o que é o theatro do Rio de Janeiro. Os emprezarios mesmos tiraram-nos as ultimas illusões: a guerra que elles fazem-se mutuamente.... é de cartazes; a idéa que elles têm dos espectadores é que antes de sahirem de casa medem no annuncio o tamanho de cada drama e preferem o maior. A ultima pagina do *Jornal* é o mais curioso comentario, ás vezes ilustrado, do estado do nosso theatro.

Nas Zarzuelas uma *sublime* (genero hespanhol) zarzuela, *Los Madgiares*; pode-se dizer—a coisa mais aborrecida do mundo. A Sra. Garcia não deixa porem de ter idéa do canto, o que a torna ainda mais distinta de toda a companhia. O *tenor comico*, o Sr. Galvan, tem talento, e agrada á terceira ordem, mas ainda não sei porque se intitula tenor. Na noite da estréa a sala estava bem composta: nos camorotes um vestido de gorgorão azul claro e velludo preto, *fichu* branco, lilás tambem brancos nos cabellos. Ao lado dous vestidos côn de cinza, e mangas renda preta, uvas no chapéo. Entre as senhoras que vi, as baronezas de Nogueira da Gama e de S. Clemente, as Sras. Aguiar, Plinio, Egas Moniz, e José d'Aguiar, (fica entendido entre mim e o Sr. Bordallo que eu dou os nomes dos maridos), e Mlles. Nogueira da Gama, Drummond, Itamby, Mora e Castro. Do outro mundo.... isto é do theatro, Mlle. Rivero, *en bourgeois*, a lembrar-se do paiz de *los boleros* e de *otras cositas mas*.

**

Annuncia-se para Fevereiro o *Requiem* de Verdi. Quem teve o prazer de ouvil-o no *Opéra Comique* por uma orchestra regida pelo proprio Verdi, deve desejar poder applaudil-o aqui... se o calor permittir. O mez da febre amarella será o melhor mez para se ouvir um *Requiem*?

SWIFT.